**Reedição demonstra maestria de Augusto de Campos na tradução de poesia**

**'O Anticrítico', composto de 12 ensaios, oferece educação pelas pedras do ofício de tradutor**

A reedição de “O Anticrítico”, de [Augusto de Campos](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/02/augusto-de-campos-da-vida-ao-latim-em-traducoes-ineditas.shtml), é uma joia jubilar. Jubileu de coral pelos 35 anos do lançamento do livro (1986) e pelo caráter de júbilo que provoca no leitor. Dadas a condição compulsória de confinamento social e a implicação crítica da obra, a coletânea de doze ensaios fora de esquadro adquire um denominador de múltiplo senso incomum.

Jovens poetas e crític(a)(o)s —ou a aspirantes a— encontram neste livro uma educação pelas pedras de toque da tradução de poesia, um "making of"do difícil ofício. A distância de uma geração parece ter caído em colapso com o [isolamento na crise da Covid-19](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/leia-textos-sobre-coronavirus-publicados-na-ilustrissima.shtml), onde palavras são moeda corrente de menor valor no vocabulário argentário. Ao fim da pandemia (que em alguns currais do planeta confunde-se com pandemônio), este não será mais o mundo que conhecíamos até o Carnaval deste ano.

É inevitável que, daqui pra frente (já que tudo vai ser diferente, talvez sem a vida inteira pra viver), as leituras de livros (e filmes, séries de streaminge músicas) se façam à luz das trevas que se abatem sobre o país e o mundo. A monstruosidade brutal e obscena da política brasileira, somada à ameaça de uma hecatombe social-sanitária e à natural incerteza de nossas veleidades metafísicas, pode afetar o "cogito"de se ler poesia. Mas é justamente nesta situação de ignorância culturalmente induzida que ela se faz mais necessária. Aporias da anomia.